

Universidade do Estado do Amazonas
Centro de Estudos Superiores de Parintins
Colegiado de História

**SOCIABILIDADE, COTIDIANO E IDENTIDADE: UM ESTUDO
SOBRE O BAIRRO DA FRANCESA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS (AM)**

Geovane Silva dos Santos _
Diego Omar da Silveira (orientador)

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre o município de Parintins, procurando entender o conceito de cidade, fazendo uma breve abordagem sobre as relações sociais entre os sujeitos e sobre o Bairro da Francesa e suas especificidades, mostrando que o bairro é uma unidade social de múltiplas relações sociais e econômicas e manifestações culturais. O artigo está dividido em três eixos temáticos que apresentam os resultados da pesquisa. I) A Cidade e o Bairro: Conceitos e representações; II) Cultura, sociabilidade e cotidiano no Bairro da Francesa. III) O comércio local. Trata-se de um trabalho científico, de cunho qualitativo, etnográfico. Para a coleta dos dados utilizou-se a entrevista semiestruturada com nove moradores do bairro, a observação e o diário de campo.

Palavras-chave: sociedade; cidade, bairro, sociabilidade, comércio.

Introdução

O referido trabalho acadêmico tem como finalidade principal mostrar o resultado de pesquisa realizada no bairro da Francesa, no município de Parintins- AM, evidenciando a maneira como os moradores vivem e se adequam com o bairro, as relações sociais com o ambiente, manifestações e diversidade cultural, assim como as suas especificidades. Encontra-se ainda o conceito de cidade e bairro, suas representações, tópicos que tratam da cultura, sociabilidade e o cotidiano deste bairro popular do município e o comércio local. Consiste em um artigo acadêmico de carácter qualitativo e etnográfico que utilizou –se de entrevistas com os moradores e comerciantes locais, observação em loco e diário de campo. Destaca-se ainda neste trabalho a importância do Festiva Folclórico de Parintins para o bairro e o porquê este local se tornou reduto do Boi-Bumbá Caprichoso.

1. A cidade e o bairro: conceitos e representações

1.1. A cidade

O município de Parintins está localizado no interior do Estado do Amazonas, conhecida mundialmente em virtude dos Bumbás Garantido e Caprichoso, que realizam juntos uma das maiores manifestações culturais do Brasil. De acordo com o IBGE (2017) possui 112 mil habitantes, mas ainda guarda muitos aspectos típicos de uma pequena cidade que se contrastam com aspectos das metrópoles.

A história do município está diretamente ligada à Igreja Católica. A presença dos jesuítas foi determinante, pois eles contribuíram com a formação do pensamento cristão ocidental auxiliando o projeto civilizador europeu, atuando na desestruturação das crenças indígenas e mestiças/ caboclas à medida que evangelizavam a população local. Já no século XX, com os missionários do PIME o município de Parintins passou a ganhar estruturas de alvenaria e serviços de assistência à população e de comunicação, como escolas, igrejas, um prédio para formação de missionários, hospital e rádio, entre outros. A partir daí a cidade ganhava maior dimensão no que se refere à estrutura física urbana.

Outro ponto determinante foi a visibilidade que o município adquiriu graças ao festival folclórico¹ de Garantido e Caprichoso e que levou o nome da cidade para o

¹ NOGUEIRA, Wilson. Festas Amazônicas: boi-bumbá ciranda sairé. Manaus: editora valer, 2008: “É a televisão como meio ágil e eficiente que atrai os demais agentes mercadológicos. Nos bumbás de Parintins, esse fenômeno pode ser medido pelo volume de patrocinadores: políticos, poder público e empresas privadas, entre as quais multinacionais dos mais variados segmentos. ”

país e o mundo. Esse evento que acontece em junho de todos os anos fez com que os governos passassem a investir na infraestrutura da cidade, o que ocasionou um aumento significativo no comércio e em outras atividades econômicas, dinamizando ainda mais as relações entre os sujeitos. Para Park (1967, p. 29), a cidade “está envolvida nos processos vitais das pessoas que as compõe; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana”.

As relações sociais tornaram-se mais evidentes à medida em que os indivíduos passaram a adotar determinados hábitos e costumes ²urbanos e passaram a interagir criando laços de solidariedade e afetividade. De acordo com Wirth (1987) o espaço urbano é como um conjunto de aspectos relacionados ao modo de vida dos indivíduos que se estende para além da cidade. Esse autor ressalta que ele se expressa de maneira mais acentuada nas grandes cidades em virtude do conjunto de instituições e atividades que são mais intensas.

É claro que nas grandes cidades em razão da própria dinâmica social e da velocidade com que as coisas acontecem, os aspectos da vida urbana são de fato mais intensos. As pessoas tendem a se afastar mais das relações familiares e de pequenos grupos familiares, caminhando no sentido de relações sociais mais mecânicas e de dependência, de modo que os indivíduos em virtude da própria divisão do trabalho tornam-se interligados.

Podemos considerar que a cidade representa muito para seus moradores, existe um sentimento de pertencimento. Para os que não moram no município o sentimento é de saudade. Catarina Andrade, 36 anos residente em Manaus (AM) deixou o município quando tinha 20 anos de idade. Segundo ela, quando visita Parintins é como se mergulhasse um estado de paz: “é muito bom sentar em frente de casa, conversar com os vizinhos até a noite sem preocupação, andar de moto, tomar café no fim da tarde com toda a família... não têm preço no mundo que pague esse bem-estar”. Na mesma perspectiva, Park (1967, p. 29) destaca que é preciso compreender a cidade como:

Algo mais do que um amontoado de homens individuais e de conveniências sociais, ruas, edifícios, luz elétrica, linha de bonde, telefones etc.; algo mais também que uma mera constelação de instituições e dispositivos administrativos – tribunais, hospitais, escolas, polícia e funcionários civis de vários tipos. Antes a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições.

² Convívio com a feira presentes na no bairro, a chegada de pessoas no porto de barcos que existe no local, barracas com venda de produtos, a grande agitação do lugar, etc.

Compreender a cidade vai além do concreto, da estrutura física, do que é visível. A vida na cidade é carregada de subjetividade por abrigar seres humanos, indivíduos que em coletividade trocam experiências de vida, conflitos, acumulam conhecimento, influenciam e absorvem a cultura do outro. Desse modo, as possibilidades de investigação e interpretação sobre as cidades são diversas. A cidade guarda marcas de vários tempos e processos sociais no espaço urbano construindo, materializando sua própria história como uma espécie de escrita no espaço (ROLNIK, 1988, p. 9).

Para a moradora Raimunda Andrade de 72 anos, o município não é o lugar que ela nasceu, mas que escolheu para viver, já que mora em Parintins há pouco mais de 40 anos e sente como se ela “tivesse nascido aqui”. Foi nesta cidade que, junto com seu falecido marido, criou seus doze filhos, pois em sua cidade natal – o município de Barreirinha, no interior do Amazonas – não havia na época (década de 1970) a possibilidade de seus filhos estudarem. Assim, eles e seus 7 filhos vieram para o município se estabelecendo inicialmente no centro da cidade e, posteriormente, no bairro da Francesa onde tiveram mais 5 filhos.

É nesta cidade também que sua vida está organizada: “aqui que estão minhas amigas da igreja, meus vizinhos, a minha paróquia, meu trabalho dentro da igreja de Nossa Senhora de Lourdes, a minha casa construída com tanto sacrifício e que meus filhos terminaram para mim”. Observa-se a emoção dessa entrevistada ao falar da cidade, pois é um assunto que está diretamente ligado às memórias das pessoas e dos grupos às quais elas pertencem.

Através da fala dos moradores entrevistados, nota-se que há um sentimento de pertencimento ao lugar, assim como se sentem participantes dessa realidade social. Sobre isso, Michel de Certeau (1994), destaca que os indivíduos buscam fazer parte de determinado espaço apropriando-se dele e ressignificando-o conforme suas necessidades. Para Simmel (1987, p 14) “à vida de pequenas cidades descansa mais sobre relacionamentos profundamente sentidos e emocionais do que no caso das metrópoles, aonde o ritmo de vida acelerado e a diluição dos laços pessoais e de solidariedade força o individualismo”.

Deste modo, a vida na cidade de Parintins vai se desenvolvendo num dualismo entre os aspectos de uma vida de cidade média, influenciada por modelos mais modernos e dinâmicos, mas que em contraposição mantêm hábitos e costumes de cidade pequena e que são perpetuados pelos moradores, sobretudo os mais velhos, pelos quais vêem essas formas de vida como heranças de uma sociedade passada que permanecem viva no dia a dia do parintinense.

Os estudos sobre população e cidades nos mostram o quanto a vida em sociedade sempre terá marcas de momentos, gerações, anteriores. Segundo Wirth (1987,

p. 99), por exemplo, “a cidade é o produto do crescimento e não da criação instantânea, e deve-se esperar que as influências que ela exerce sobre os modos de vida não sejam capazes de eliminar completamente os modos de associação humana”. Assim, acredita-se que a cidade é um universo complexo da existência humana, um elemento determinante na construção da vida social.

No interior das cidades estão inseridos os bairros, uma partícula menor carregado de expressões, simbolismos, significados e sentimentos. Desse modo, optou-se por tratar neste trabalho sobre o Bairro da Francesa. Segundo Salvador (1986) a escolha de uma temática obedece a critérios rigorosos de seleção, é uma atitude filosófica e que acaba por expor questões pessoais. O Bairro da Francesa é um dos mais antigos da cidade, a ausência de registros nos impedem de conhecer a história deste lugar, contamos apenas com a oralidade e as nossas próprias lembranças.

A francesa era na minha meninice água absolutamente limpa, você podia beber água inclusive. Era um ponto de lavadeiras, minha avó materna lavava roupa em cima daqueles cedros e secava naquelas árvores ali, tinha muito sol (...) Vocês sabem até aonde a água da Francesa vinha? Quase até a Rua Furtado Belém, ali onde está o Nelson Góes, aquilo alagava tudo (Benedito Azedo, 2012 *apud* BUTEL, 2012, p. 335).

As experiências vividas neste bairro enquanto criança, e hoje como adulto justifica o interesse em tratar desta temática, além disso, os aspectos socioculturais e históricos deste espaço nos ajudam a compreender as diversas maneiras de socialização entre os indivíduos, ao mesmo tempo, revela elementos da nossa história, do desenvolvimento do espaço urbano da cidade, das relações sociais entre os indivíduos que usam este espaço ora para o trabalho, ora para o lazer.



Fonte: <https://correiodaamazonia.com/parintins-ganhara-curso-de-medicina-privado-garante-prefeito-bi-garcia/>

1.2. O bairro

O Bairro da Francesa está localizado a leste da cidade de Parintins e num esforço de demarcação poderíamos dizer que inicia no cruzamento da Rua Paraíba com a Rua Gomes de Castro, passando pela Avenida Amazonas e seguindo até a Rua Rio Branco e depois até o cruzamento com a Rua Herbert de Azevedo. Abrange ainda as ruas: Furtado Belém chegando às margens do Rio Amazonas, seguindo até o início da Rua Silva Campos, acompanhando os limites do Hospital Jofre Cohen e até o cruzamento da Rua Herbert de Azevedo com a Rua Quinta da Boa Vista; seguindo por esta até a conhecida Lagoa da Francesa e dali até seu ponto inicial.



Mapa do Bairro da Francesa, Parintins, AM

A história do bairro ainda está por ser escrita e pouco se sabe sobre os primeiros moradores. Sobre a origem do nome, relatos dos moradores antigos indicam que o nome Francesa foi escolhido em razão de uma suposta família de franceses que morava ali e que teria sido das primeiras a habitar o local. Nessa família havia duas moças bonitas que costumavam banhar-se na lagoa e todos os rapazes as admiravam e as cortejavam, tendo essa admiração se convertido na toponímia da lagoa e posteriormente do bairro que surgiu no seu entorno.

Como é natural, os moradores do bairro são de diferentes posições sociais, religiosas, políticas e culturais. A maioria das pessoas se conhecem e realizam algumas atividades juntos, como os festejos de fim de ano e dia das crianças, que são momentos de confraternizar com os vizinhos, de socializar experiências de vidas. É nesse momento, no cotidiano que as relações entre esses sujeitos são intensificadas, principalmente quando as atividades realizadas estão diretamente relacionadas ao lazer.

Nesse sentido, a compreensão do que é um bairro vai muito além de uma delimitação territorial para fins de organização institucional da cidade. O bairro é parte integrante urbano, carregada de simbolismos, significados e representações. É assim, palco das experiências humanas, onde os moradores se reconhecem e se identificam com o lugar, criam laços de afetividade e de pertencimento e socializam suas histórias de vida.

Conforme Park (1967) é no bairro que as relações entre as pessoas são mais intensas. A princípio o que seria uma simples expressão geográfica converteu-se em vizinhança, ou seja, transformou-se em um lugar de sentimentos, tradições, hábitos,

costumes, em um complexo cultural possuidor sua própria história e que, por sua vez, engloba as histórias dos indivíduos e famílias que moram ali. O morador Antônio Andrade, 70 anos relata:

Gosto de morar aqui. É um lugar tranquilo, não temos muitos problemas de roubo. Só quando a lagoa enche que temos problemas, pois a água quebra o piso daqui de casa. Mas gosto daqui, dos meus vizinhos. Eles são como se fossem da minha família... sento aqui em frente de casa para conversar com o Gilberto e falamos de tudo, principalmente sobre política (entrevista realizada na pesquisa de campo, janeiro de 2017).

Nessa fala nota-se que seus laços de afetividade com o local em que estão os seus amigos, os vizinhos, alguns dos quais ele chega a considerar membros da família. Percebe-se também o sentimento de pertencimento pelo próprio bairro, lugar em que ele sente segurança em viver. A moradora Esmeralda Brandão, 65 anos, relata:

Esse bairro pra mim é tudo, eu escolhi viver aqui, conheço todo mundo e todos me conhecem, tenho boas lembranças daqui do tempo que não tinha esses bares, não era poluído e a gente tomava banho e os meninos brincavam e pescavam daqui mesmo da janela, agora não é mais possível, hoje tá tudo diferente, mas aqui é seguro, nos outros bairros tem muito roubo, por aqui graças a Deus não vejo muito essas coisas. (Entrevista realizada na pesquisa de campo, janeiro de 2017).

A representação desses moradores sobre o bairro é pautada sobre suas próprias experiências, lembranças de determinadas épocas e comparações com outros bairros. De acordo com Chartier (1990) as representações têm a ver com a maneira como em diferentes épocas e lugares a realidade social é construída, por meio de separações, divisões. As representações, portanto, fazem parte da realidade social dos indivíduos, pois eles se percebem nelas, assim como elas exercem uma força coercitiva sobre os sujeitos integrantes ou não do bairro.

Nos bairros é possível perceber também os problemas do dia a dia, que vão desde a falta de assistência do poder público aos problemas particulares dos moradores, o bairro é uma esfera pública da cidade que se torna privada para seus integrantes, pois nada passa aos olhos dos moradores, e o que o torna privado são as fronteiras simbólicas construídas ao longo do tempo.

O bairro é, portanto, a expressão de seus moradores, fruto da experiência humana que cria e estabelece códigos de conduta, palco das relações de afeto e solidariedade entre os indivíduos, mas também das desavenças entre os mesmos, é o lugar onde as atividades de lazer reúnem em celebração seus moradores, mas também é onde estão sujeitos com necessidades que são auxiliados pelos seus pares, enfim o

bairro é parte integrante da cidade e juntamente com seus moradores compõe o todo social.

2. Sociabilidade e cotidiano no Bairro da Francesa.

2.1. Brincadeiras de crianças

No Bairro da Francesa os fins da tarde costumam ser agitadas, principalmente nas áreas onde o movimento de veículos é menor. Os responsáveis por essa agitação são as crianças que brincam sempre sobre o olhar atento dos pais, correndo de uma ponta a outra alegrando o ambiente. O futebol, o papagaio de papel, a manja pega, e a queimada são algumas das brincadeiras realizadas pelas crianças do bairro.

As brincadeiras infantis fazem parte do universo cultural de cada sociedade, e são transmitidas de geração a geração. O ato de brincar faz parte da natureza humana, servindo como meio de desenvolvimento cognitivo como também de desenvolvimento social, pois brincando as crianças iniciam seu trabalho de socialização, e de identificação com o lugar.

O brincar é uma atividade social significativa que pertence, antes de tudo, a dimensão humana, constituindo, para as crianças, uma forma de ação social importante e nuclear para a construção de suas relações sociais e das formas coletivas e individuais de interpretar o mundo. (BORBA, 2005, p.55).

Neste sentido, as brincadeiras têm papel fundamental no desenvolvimento da criança, pois proporciona momentos de socialização e entendimento de mundo, levando-as a perceberem elementos de sua cultura e ao mesmo tempo possibilitando as mesmas a construir conhecimentos e a se perceberem como integrantes desse processo cultural.

As brincadeiras nas ruas das cidades, principalmente das cidades grandes é quase que inimaginável, em virtude do próprio crescimento urbano que vem associado a inúmeras problemáticas como a insegurança, o crescente número de veículos e as mudanças na estrutura familiar. Nas cidades grandes já não é mais possível ver crianças brincando, salvo em comunidades menores, já nas cidades pequenas elas são mais comuns.

No município de Parintins, especificamente no Bairro da francesa, as brincadeiras nas ruas ³resistem ao tempo e ao próprio processo de urbanização, pode-se dizer que neste bairro o cotidiano das crianças se dá também na esfera pública, nas ruas, brincando a céu aberto dividindo o espaço com os outros sujeitos da sociedade. As

³ Manja-esconde, queimada, futebol, amarelinha, etc. brincadeiras típicas de crianças desse contexto.

ruas são para os pequenos moradores lugares de sociabilidade, pois na rua eles compartilham suas experiências.

2.2. Os vizinhos

A vizinhança é uma unidade social com características peculiares que expressa a própria essência dos moradores. Entre sorrisos, abraços, fofocas e socialização de experiências, os sujeitos que compõem essa unidade vivem seu dia a dia dentro dessa interação que estabelece vínculos afetivos, mas que também pode causar rupturas, dependendo de cada situação.

Neste sentido, essa unidade social (vizinhança) possibilita aos indivíduos uma relação quase familiar, desse modo o vizinho se torna uma figura de valor dentro do convívio social. Para Park (1967, p. 35) “a vizinhança existe sem organização formal. A sociedade de aperfeiçoamento local é uma estrutura erigida nas bases da organização de vizinhança espontânea e existe com o propósito de dar expressão ao sentimento local face ao assunto de interesse local”.

Uma boa convivência com seus pares no interior do bairro é a base para a mais simples forma de associação em sociedade. São relações que envolvem interesses, sentimentos, ou seja, a vizinhança torna-se uma pequena unidade política que exerce poder sobre os sujeitos. Segundo Park (1967, p. 35), “na organização social e política da cidade, é a menor unidade local”.

No Bairro da Francesa percebe-se que a relação entre os vizinhos segue a esses códigos, sistemas simbólicos criados pela sociedade, é claro que existem situações conflitantes, pois são também moradores do bairro aquele vizinho encrenqueiro, o beerrão que ouve suas músicas no último volume, o vizinho viciado, o fofoqueiro, o vadio, enfim, sujeitos de diferentes comportamentos e crenças, estigmatizados, mas que são partes importantes desse pequeno universo social que é o bairro.

Aqui mora gente de todo tipo, tem trabalhador, tem gente prosa, mas tem muita gente boa. Quando eu sento aqui em frente de casa com as vizinhas a gente costuma falar das coisas que acontecem por aqui, olhamos a crianças brincarem e as conversas são longas, as vezes eu sento aqui as 17h e entro pra casa as 21h, ontem a gente estava aqui em frente de casa quando o vizinho chegou bêbado acelerando a moto dele, mas tarde foi uma confusão porque ele tem problema de coração e ele desmaiou aqui na rua, foi quando ligamos pro hospital e entramos quando ele foi levado. (V.B Moradora do bairro, 40 anos, entrevista realizada na pesquisa de campo, janeiro de 2017).

Por meio dessa fala, entre outras situações, percebe-se o grau de intimidade, afetividade e preocupação que os vizinhos têm um pelo outro, nota-se também que a fofoca é algo que faz parte do cotidiano desses sujeitos, transformando-se em momen-

tos de sociabilidades. Para Elias (2000), a fofoca não é um fenômeno isolado, mas um fenômeno que depende das relações sociais em comunidade com suas normas e crenças coletivas.

A fofoca é então nas suas mais diversas maneiras, um instrumento de entretenimento, tanto quem faz a fofoca quanto quem ouve sente prazer em socializar uma notícia, é como se os sujeitos agentes da fofoca assumissem um papel importante dentro dos grupos sociais. Um dia sem uma boa conversa sobre a vida alheia seria uma tortura, de acordo com Elias (2000), se parasse por um dia os moinhos da fofoca nas comunidades, a vida perderia em muito o seu tempero.

É importante destacar que as fofocas também são motivos de desavenças entre os sujeitos. Segundo Elias (2000) a fofoca assume uma estrutura, ela pode ser depreciativa ou elogiosa. No Bairro da Francesa as fofocas depreciativas são intensas, e isso tem afastado alguns indivíduos do convívio dos grupos, levando ao fim os laços de amizades.

Desse modo, a vida no Bairro da Francesa é bastante dinâmica, o dia a dia dos moradores é influenciado pelas ações dos outros sujeitos. As relações de afetividade e solidariedade pelo outro é intensa, os vizinhos adquirem uma função social, bem como são considerados membros importantes do grupo. As sociabilidades entre eles ocorrem de maneiras diversas, entre elas a fofoca que assume grandes proporções dentro de um sistema simbólico e de poder.

2.3. Lagarto Salgado: O bloco

Lagarto Salgado é o nome do bloco carnavalesco do Bairro da Francesa, foi criado no dia 06 de fevereiro de 2005 por jovens moradores do bairro que almejavam brincar o carnaval de rua do município. O diferencial do bloco é que ele faz parte do grupo irreverente onde as mulheres se vestem de homem e os homens de mulher, sendo obrigatório o item rainha ser do sexo masculino vestido de mulher.

A ideia do nome surgiu de uma história contada por amigos que tinham o costume de se reunir debaixo de uma mangueira localizada na esquina das Ruas Paraíba com a João Meireles lugar chamado pelos moradores de “canto dos vadios” por conta de uma pichação que havia no muro da escola com a frase “morro de fome, mas não trabalho” e também “lagarto salgado”. Conta-se que este grupo de amigos foi vítima de um engano, um dos jovens foi preso e os policiais colocaram na ocorrência que ele era chefe da galera Lagarto Salgado.

Luíz Jone, Marcos Andrade, Fred Bradão, Georgino Carvalho, Dilhermando, Aroldo Andrade, eram alguns dos membros deste grupo. Eram jovens com idade entre 18 a 25 anos. Segundo Aroldo Andrade de 51 anos:

Todas as noites a gente se sentava debaixo daquela mangueira e os vizinhos já não aturavam mais, naquele tempo tinha muita galera aqui na cidade e algumas eram muito perigosas, elas assaltavam, entravam em comércio e teve até casos de morte. A polícia andava por toda a cidade e acho que denunciaram a gente. Quando a polícia vinha todo mundo correu e eu disse que não tava fazendo nada de errado, então eles chegaram e me levaram preso. Meu nome saiu cedo no jornal da rádio alvorada como chefe de galera, chefe da galera lagarto salgado. (Entrevista realizada na pesquisa de campo, janeiro de 2017).

No início da década de 90, as pessoas viviam amedrontadas por conta das gangues, ou galeras como eram conhecidos os grupos de jovens que praticavam delitos de grande e pequeno porte, então era comum o trabalho da polícia em fazer rondas nos bairros para coibir a ação desses jovens, numa determinada noite por volta das 21h a viatura passa pela esquina onde o grupo de amigos se reunia, os jovens correram menos um que por não ter nada a temer, este então foi preso, seu nome saiu no principal jornal via rádio da época, mas posteriormente tudo ficou esclarecido.

A mesma geração de amigos sentiu a necessidade em participar de um dos eventos mais esperados do município de Parintins, o Carnailha que é organizado pela prefeitura, foi então que resolveram fundar o bloco batizado de Lagarto Salgado. Desde 2005 o bloco vem participando do evento chegando a primeira colocação por três anos, conquistando cada vez mais o coração dos moradores do bairro.

A relação dos moradores do bairro com o bloco é de amor, nos dias que antecede a apresentação (domingo de carnaval) todos os moradores (crianças, jovens, adultos e idosos) se mobilizam para ajudar na confecção do carro alegórico, na compra de fantasias, doando refeições e água aos artistas que trabalham de maneira mais específica no carro. É um momento único, onde os sujeitos trabalham em conjunto em prol exclusivamente do bloco.

O dia da apresentação é uma festa, uma mistura de tensão, nervosismo e felicidade, o carro é levado até a avenida do samba (Avenida Paraíba, próximo ao bumbódromo) e alguns moradores vão acompanhando com orgulho o fruto de um intenso trabalho. De fato, o bloco Lagarto Salgado mexe com o sentimento dos moradores, até aqueles sujeitos que quase não saem de suas casas fazem questão de prestigiar o bloco do coração. O morador Manuel Miranda, 55 anos relata:

Esse bloco pra mim é tudo, eu trabalho nele, ajudo no que posso na confecção do carro, nas promoções que a gente faz para conseguir dinheiro para investir no bloco, eu faço parte dele desde o início, dá muito trabalho, mas também muita alegria, mas quando a gente vê ele passar na avenida todo bonito, com uma multidão atrás do carro,

as pessoas cantando nossa marchinha, eu penso como valeu a pena. (entrevista realizada na pesquisa de campo, janeiro de 2017).

Os festejos seja ele qual for a origem como bem destaca Burke (2010) é o espaço que se contrapõe ao cotidiano, a partir do momento que os sujeitos fogem dos problemas do dia a dia e vivenciam o momento de lazer, procurando interagir com seus pares, criando vínculos afetivos uns com os outros. Torres (2000) compreende o lazer como uma prática de sociabilidade que admite a criação de vínculos entre os sujeitos e os espaços urbanos.

A festa realizada pelos integrantes do bloco é também carregada de elementos simbólicos e afetivos, o que faz do bloco um espaço de construção de identidades, um espaço onde os grupos sociais se mantem unidos ao mesmo tempo em que outros são formados, proporcionando lazer e diversão a todos. Portanto o Bloco Lagarto Salgado faz parte do todo cultural do Bairro da Francesa, é uma instituição que se transforma em um espaço de sociabilidade entre os brincantes, em especial para os moradores.

2.4. Boi Caprichoso

Em Parintins ocorre anualmente o festival folclórico de Garantido e Caprichoso, porém, o ano inteiro os moradores vivenciam a festa, principalmente por meio das toadas que é o ritmo que da vida a essa manifestação cultural. De uma musicalidade única a toada enche a alma dos torcedores a ponto de ser ouvida o ano inteiro nas casas, bares, nos finais de semanas em diferentes eventos.

O Bairro da Francesa é considerado espaço do boi Caprichoso, sua história está diretamente ligada à história deste bumbá, a sede, o curral e os torcedores mais antigos se encontram neste bairro que, segundo relatos, foi onde o bumbá iniciou suas primeiras brincadeiras, nos quintais dos moradores sob a luz do luar, das fogueiras e lamparinas.

De março a junho o Boi Caprichoso inicia suas atividades e a população também começa a se preparar para o festival. Os moradores começam a pintar suas casas e a enfeitar as ruas nas cores do bumbá preferido que no Bairro da Francesa acaba por ser o azul, embora existam as exceções. É uma atividade que envolve toda a comunidade, os moradores coletam dinheiro, compram os materiais e eles mesmos trabalham na ornamentação na rua.

É comum também em algumas ruas ou em algumas casas as famílias organizarem a festa de boizinhos como ocorre na Rua Sá Peixoto, evento que envolve todos os moradores. A festa do boizinho é destinada às crianças, é um momento de lazer,

mas também de construção de identidade, pois elas passam a perceber a cultura do município assim como passam a sentir-se parte dessa cultura.

Dona Marinir Cruz, 43 anos e uma das organizadoras deste evento nos relata:

O boi Garrote nasceu em 2001. Começou com uma brincadeira de criança, as crianças da rua Sá Peixoto, o Neto Simões, a Tainá Valente e as outras crianças desenhavam num papel os elementos dos bois, a Cunhã poranga, a Sinhazinha, a Marujada e a Batucada, tudo que tem no boi e começavam a brincar como se eles estivessem disputando. A gente via essa brincadeira deles e não entendia muito bem. Depois eles passaram a usar bonequinhos e começavam a brincar também, e a rivalidade sempre existia, tinha os bonequinhos do Garantido e o do Caprichoso. No ano de 2001 organizamos o boizinho e colocamos o nome de Campeão em homenagem ao Caprichoso que para nós não perdia nunca, depois que passou a se chamar Garrote e passamos a brincar todo dia 05 de julho.(entrevista realizada na pesquisa de campo, junho de 2018).

Em todas essas atividades misturam-se hábitos, costumes, modos de pensar e de organizar, misturam-se parentes, vizinhos, amigos, todos se juntam em prol da realização de determinados eventos, estabelecendo relações de afetividade e vínculos uns com os outros que garante a permanência e sobrevivência dos grupos, garantindo também a realização dos eventos por gerações. Dona Marinir Cruz relata:

Nosso objetivo era dá oportunidade para as crianças brincarem, serem itens. Nossas crianças carregam o sonho de um dia ser um item de boi, mas nem todas conseguem, então percebendo o desejo das crianças da rua e da nossa família em querer brincar resolvemos organizar o boizinho. Nessa organização toda a comunidade se envolve, as roupas são doadas e confeccionadas por nós mesmos, temos aqui na rua pessoas que sabem costurar e elas fazem as roupa, as reforma, as alegorias pequenas são feitas pelos artistas que moram aqui e que trabalham nos bois também, vendemos comida, fazemos de tudo para conseguir dinheiro para realizar o evento que para nós é muito importante. (Entrevista realizada na pesquisa de campo, junho de 2018).

Esses eventos podem ser entendidos também como expressões simbólicas, Mauss (1979), destaca:

Todas as expressões coletivas, simultâneas, de valor moral e de força obrigatória dos sentimentos dos indivíduos e do grupo, são mais que meras manifestações, são sinais de expressões entendidas, quer dizer, são linguagens. Os gritos são como frases e palavras. É preciso emití-los, mas é preciso só porque todo grupo os entende. É mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifesta-los aos outros pois assim é preciso fazer. (MAUSS, 1979, p. 153).

As diferentes formas de interação social ocorridas nesses eventos é fator determinante para denominá-los como espaços de sociabilidades, pois os sujeitos relacionam-se em função de um sentimento comum a todos e por razões recíprocas de estarem socializados, onde todos são envolvidos e sentem prazer em participar, como destaca Simmel (2006), numa relação em que a sociabilidade consista numa derivação da interação.

Desse modo, percebe-se que a paixão pelo Boi Caprichoso faz com que os moradores se organizem de diferentes maneiras, mas que em todas elas o sentimento é mútuo, proporcionando experiências de vida, e intensificando as relações sociais entre os sujeitos que moram no Bairro da Francesa sendo este a própria expressão de seus moradores.

3.O comércio no Bairro da Francesa.

3.1. Contexto histórico

O Bairro da Francesa foi um dos primeiros a ser constituído no município de Parintins, por volta da década de 60. (SOUZA, 2013). O cenário nacional no que se refere à política e à economia fizeram com que muitos indivíduos deixassem suas terras. Habitantes de outros estados e do interior do município passaram a se estabelecer neste local em busca de melhores condições.

No período que compreende a segunda metade da década de 1970 o Brasil vive uma crise inflacionária decorrente da crise internacional do petróleo e do Milagre Brasileiro, o que se reflete também em Parintins, quando ocorre o enfraquecimento da produção da juta e malva, motivado pela concorrência no mercado internacional. Ocorre o fortalecimento do mercado bovino e bubalino, e os grandes capitalistas locais começaram a adquirir as áreas de várzea para a criação de gado. (SOUZA, 2013, p. 58).

O cenário nacional no que se refere à política e à economia fizeram com que muitos indivíduos deixassem suas terras. Desse modo, a cidade começa a receber sujeitos de diversos lugares. A área próxima à lagoa da francesa passou a ser ocupada por esses indivíduos e junto com o processo de ocupação a dinâmica do comércio passou a ser cada vez mais intensa.

Não conseguimos encontrar registros sobre os primeiros comerciantes do bairro, contamos com os relatos de antigos moradores que gentilmente conversaram conosco, nos presenteando com suas memórias acerca do local. Dona Esmeralda Brandão, nos conta que:

Antes do aterro, já existia algumas tabernas que vendiam cachaça, tinha o bar do aliança, não me recordo mais o nome do dono, só sei que era do pessoal dos Gadelha, tinha o bar do seu Marialva que era onde é a Casa Góes, tinha o seu Mocinho, entre a Casa Góes e a Lider, a Casa Chama que vendia tinta, o do seu Bacaba. Eram bar, vendiam bebida, era uma putaria isso aí, assim como é hoje. (Entrevista realizada na pesquisa de campo, junho de 2018).

Seu Antônio enfatiza mais ainda as informações dadas por sua esposa a Dona Esmeralda Brandão:

Depois a Dona Ermelinda fez o bar dela também, a casa Góes não era aí, era mais pra cá, onde é a casa da mãe deles. Tinha um senho que vendia porco, a COBAL era ai também. Onde é o Casarão era o “patiobol” [...] não sei porque esse nome. Aos poucos foram aparecendo esses outros bares ai, depois que fizeram o aterro e a escadaria que começaram a montar os negócios ai, tinha um mercado de peixe pra lá do tilheiro. (Entrevista realizada na pesquisa de campo, junho de 2018).

O final da década de 70 é um marco na história do Bairro da Francesa, foi o período que o governo local passou a implementar os projetos de desenvolvimento e infraestrutura da cidade, chegando até a Orla da Francesa. Esse fato é importante, pois é a partir daí que o comércio passa a se intensificar. Inicialmente os comércios eram de pequeno porte. Os produtos comercializados eram estivas em geral, peixe e bebida alcoólica.

A área onde foi construída a escadaria da francesa foi ocupada por sujeitos que passaram a construir barracos para a venda de alimentos e bebidas. Esta área também servia e serve até os dias de hoje como porto para as embarcações de pequeno porte, além disso, os ribeirinhos comercializavam seus produtos como a banana, mandioca, farinha, verduras, entre outros produtos. Dona Raimunda Andrade, 72 anos relata:

Me lembro bem quando chegava o domingo o pessoal do interior chegava e eu mandava os meninos irem comprar as coisas la. Era tucumã, farinha, laranja, tudo tinha. Tinha um senhor que já era conhecido nosso que trazia as coisas pra da pra gente. Meu marido tinha uma oficina que consertava maquina de barco, então ele conhecia muito os donos de barco. A gente sempre ganhava as coisas, as vezes até trocava serviço de mecânica por algum produto. Quando não a gente comprava mesmo. (entrevista realizada na pesquisa de campo, junho de 2018).

Nota-se na fala de Dona Raimunda as relações sociais que o indivíduo mantém uns com os outros, os laços de afetividade e solidariedade. As lembranças e experiências vividas em uma determinada época. Nota-se também elementos da cultura do parintinense no que refere a culinária, do cotidiano, hábitos.

Podemos dizer que a infraestrutura realizada no bairro melhorou bastante o cotidiano dos moradores no que se refere ao comércio, a urbanização, porém os problemas negativos apareceram, como a degradação do meio ambiente e o aumento significativo de bares, elevando o índice de criminalidade e prostituição nesta área da cidade causando conflitos entre os moradores. Não queremos apontar os projetos de desenvolvimento como causa, mas levantar a questão da ausência do estado no que se refere a falta de planejamento e políticas públicas voltadas para este lugar:

Os projetos de infraestrutura trouxeram muitos benefícios, mas também mudanças irreversíveis no que se refere a questão ambiental. Após a obra do aterro e a construção da escadaria, moradores de outros bairros se estabeleceram, construindo barracas, popularmente chamadas de baiucas pelos moradores. De início esses comerciantes trabalhavam com alimentação que serviam aos donos das embarcações, passageiros e a comunidade local. (Cristiana Butel⁴, entrevista realizada na pesquisa de campo, junho de 2018).

A área onde estão concentrados os bares é de extrema precariedade, não há banheiros, os lixos são jogados diretamente na lagoa, copos descartáveis, garrafas pets, latas de cerveja, sacolas, são visíveis. Os dejetos alimentícios também são jogados diretamente na lagoa. Outro ponto interessante é com relação ao uso de drogas ilícitas, aos aglomerados de “desocupados” nos arredores dos bares fazendo uso de drogas a qualquer hora do dia ou da noite. Essas são algumas das problemática citadas por nossos colaboradores.

Contudo, é preciso chamar atenção para o comércio dessa área, no Bairro da Francesa é possível encontrar produtos diversos, roupas, calçados, alimentos prontos, mercados, feiras, supermercados, bebidas, eletrodomésticos e eletrônicos, brinquedos, produtos de pesca, padarias, drogarias e prestação de serviços diversos na área da saúde, educação e assistência técnica, além dos serviços de consertos em geral.

Atualmente é no Bairro da Francesa que grande parte do comércio está localizado, vai desde o comércio formal ao informal. É um pequeno polo econômico que contribui fortemente com a economia local. Nesse pequeno universo estão inseridos de sujeitos de diferentes classes sociais, trocando experiências de vida, relacionando-

⁴ A pesquisadora é graduada em História e concluindo mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia com o tema: Prostituição na Orla da Francesa a qual estuda esta atividade pela perspectiva do trabalho dentro do universo do comércio informal.

os uns com os outros. É na época de cheia que o comércio encontra seu melhor momento, com o vai e vem de pessoas, triciclos, motos, carros, embarcações de vários tamanhos.

Considerações finais

Buscou-se neste trabalho fazer um breve estudo sobre o Bairro da Francesa considerando aspectos da vida cotidiana, destacando as múltiplas maneiras de interação social e de sociabilidades, elementos fundamentais para a construção de identidades, de socialização e reconhecimento da cultura local. Primeiramente, procurou-se entender o conceito de cidade e bairro, assim como conhecer as particularidades do dia a dia dos moradores do Bairro da Francesa.

Compreendeu-se que a cidade ultrapassa os limites da estrutura física, ela é antes de tudo, um modo de vida, onde estão aglomerados sujeitos heterogêneos que através das relações sociais compõe um pequeno universo controlado pelos elementos simbólicos criados no cotidiano dos indivíduos, na coletividade. A cidade é, portanto, palco do viver humano, das relações sociais que a cada dia que passa torna-se mais dependente do outro.

No interior da cidade estão os bairros, que aqui são entendidos como pequenos mundos interligados, mas com características próprias. Cada bairro tem uma identidade e o Bairro da Francesa expressa a sua através das atividades de lazer que são realizadas pelos moradores, constituindo-se em verdadeiros espaços de sociabilidades compartilhados entre os sujeitos.

Pode-se dizer que o cotidiano dos moradores do Bairro da francesa se baseia muito nas relações sociais. Todas as atividades, principalmente as de lazer são realizadas e consumidas coletivamente. O Bloco Lagarto Salgado, a Agremiação Boi Bum-bá Caprichoso e o Boi Garrote (boi das crianças) fazem parte do universo sociocultural do bairro e contribuem grandemente para a manutenção dessa unidade social que é o bairro.

Procuramos mostrar que o comércio se faz presente nesta área da cidade desde a sua constituição, cresceu junto ao bairro e hoje mostra-se como um dos principais pontos econômicos do município de Parintins.

Além disso, destacou-se o papel da vizinhança e como eles convivem no dia a dia, concluindo que o vizinho é mais que um sujeito que mora ao lado ou na mesma rua, ele é alguém que se cria um laço de afinidade, de solidariedade e que juntos executam diversas funções importantes para a manutenção da ordem local, sendo tam-

bém a foca um dos instrumentos de sustentação dos elos existentes entre os sujeitos, além de transforma-se em entretenimento ao alcance de todos.

Referências Bibliográficas

BORBA, A. M. **Culturas da infância nos espaços-tempos do lugar**. Tese (doutorado em Educação). Niterói: Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

BURKE, Peter. “O mundo do Carnaval”. In: **Cultura popular na Idade Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BUTEL, Irian; BUTEL, Larice; História e Memória Política do Município de Parintins / Irian Butel; Larice Butel; Jucillene Cursino – Parintins: Câmara Municipal de Parintins, 2012.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **História Cultural** – Entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL, 1990.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John, L. **Os Estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MAUSS, Marcel. **A Expressão Obrigatória dos Sentimentos**. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Mauss: Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979.

PARK, Robert Ezra. “**A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano**”. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 29-72. Ano 1916.

SALVADOR, Ângelo D. **Método e técnica de pesquisa Bibliográfica**. 11ª edição ampliada. Porto Alegre: Sulina, 1986.

SIMMEL, Georg. “**A sociabilidade (Exemplo de sociologia pura ou formal)**”. In: **Questões fundamentais da sociologia: individuo e sociedade**. Trad. de Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. 4º ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

SOUZA, Dinely de. **O Processo de Urbanização da Cidade de Parintins (AM): Evolução e Transformação**. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia Humana (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2013.

TORRES, Lilian de Lucca. **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Fapesp, 2000.

WIRTH, Louis. “**O urbanismo como modo de vida**”. In: VELHO, Otávio G. (Org.). O fenômeno urbano. 4º ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.